

GIVALDO BARBOSA



José Lins, Inocêncio, Daso Coimbra e Jefferson: o Centrão se articula no Plenário

Centro Democrático retorna ao PMDB

Com 55 assinaturas colhidas até ontem à noite, o grupo que tenta a rearticulação do Centro Democrático entrega hoje às 8h30, o documento no qual reafirma ao presidente Ulysses Guimarães a disposição de lutar pela unidade interna do PMDB. O deputado Marcos Lima (PMDB-MG) revelou que até hoje poderia atingir a marca das 60 assinaturas, número que, na sua opinião, já registra a disposição deste grupo em se manter independente do Centrão.

O deputado Expedito Machado informou que o grupo, que chegou a alcançar 117 integrantes, deixa qualquer compromisso com ação suprapartidária para se integrar ao PMDB. A grande meta que anima seus integrantes é se empenhar agora na articulação de um movimen-

to para influir na escolha do novo líder da bancada na Câmara, prevista para os primeiros dias de março.

Terminou a fase de engajamento suprapartidário dos mais conservadores, segundo o deputado cearense. A meta agora é lutar para influir dentro do partido, "mas se empenhando a fundo para assegurar a unidade partidária".

— Vamos dizer ao Ulysses que estamos disponíveis para qualquer esforço em favor da unidade interna. Os japoneses não comandam um governo, através do social-democrata SPD que domina aquele país politicamente há mais de 20 anos, embora tenha nove correntes internas? Por que o PMDB não pode repetir o mesmo fenômeno? Vamos estudar formas de convivência entre as correntes ideológicas contrárias no inte-

rior do partido— afirmou Expedito Machado.

O parlamentar cearense diz que o primeiro objetivo do Centro Democrático é influir na eleição do novo líder da bancada do PMDB, em reunião a ser marcada para os primeiros dias de março. Sabe que o deputado Ibsen Pinheiro, que exerce interinamente a liderança, aspira a permanecer no cargo e avisa que ele e seus companheiros ainda não têm um caminho definido.

— Sabemos que vamos influir. Não temos ainda candidato— disse.

Os amigos de Ulysses não escondiam a satisfação do presidente do PMDB com a decisão dos políticos do Centro Democrático de se reintegrarem ao partido, afirmando que isso fortalece a sua posição política.

Centrão poderá conservar votos

Um levantamento feito entre os membros do Centrão que votaram contra a orientação do grupo revela: uma parte deles considera-se rompida com os dirigentes e não mais seguirá suas diretrizes, mas os demais, embora preferissem votar diferentemente nos dois últimos dias, considera-se vinculada ainda ao grupo. Ontem, porém, havia ainda muita irritação com as posições assumidas pelos dirigentes, em especial com o desabafo do coordenador Daso Coimbra.

— Eu agora estou assim, igual ao diabo com Deus. Se o Centrão manda votar sim, voto não— disse o deputado Manuel Moreira, no exato momento em que o comando centrista orientava para o voto não e ele apertava a tecla sim. Aliás, acrescentou, "eu até prefiro quando se trata de direito social votar junto com o PT. Afinal, o Centrão é pura ficção, nunca existiu, mas tem gente que industrializou a ideia de reforma do regimento".

Moreira revelou também que o grupo de evangélicos, do qual faz parte, não quer mais ser encarado dentro do Centrão como se fosse parte compacta do grupo, embora também não deseje ser estigmatizado no meio político. E por isso que pretende participar em bloco das negociações, caminho que, entende, proporcionará o registro do pensamento deles.

Apesar da disposição de muitos constituintes em negar suas vinculações ao Centrão, a maioria deles assinou as emendas do

grupo e admite que votará com elas, ressalvando contudo uma independência só condicionada a suas. O deputado Joaquim Haickel (PMDB-MA) negou que tenha seguido em algum momento o comando do Centrão, só votando com ele o que considerou bom. Mas respeitou todos os acordos feitos até agora e vai continuar assim. Na votação do direito de propriedade, se absteve porque achou que deste modo forçaria a negociação. Quanto às alegações de Daso Coimbra, comentou: "Desconheço que ele distribua dinheiro".

Também José Carlos Coutinho (PL-RJ) disse que nunca fez parte do Centrão e que não tem compromisso com o grupo, ao qual se uniu para mudar apenas o regimento interno da Constituinte embalado no desejo de participação. Lembrou que não deve nada ao governo federal e acha que as acusações de Coimbra têm o endereço daqueles que se locupletam negociando votos.

— Tenho compromisso com minha consciência e com quem me elegeu, disse o deputado Ubiratan Aguiar (PMDB-CE) ao assegurar que mantém sua identidade e tomou como princípio votar as matérias de acordo com a orientação do PMDB. "Ao Centrão, disse, só me aliei para reformar o regimento". Já Gil Cesar (PMDB-MG) assinou todas as emendas do grupo mas não se considera membro dele porque votará com suas ideias. "Não assumi compromissos", disse, lem-

brando que discorda do conceito de empresa nacional apoiado pelos centristas e sugeriu até uma sessão secreta para que o deputado Daso Coimbra dê nome aos bois.

O senador Carlos Alberto (PTB-RN) considerou o voto da véspera ocasional e disse que continua no Centrão. Já o deputado Aroldo Oliveira (PFL-RJ), disse que votou contra o grupo por equívoco. Marcos Lima admitiu que foi do Centrão e condenou seu colega Manuel Moreira pelo radicalismo, pois a partir de agora pretende avaliar com o PMDB antes de se aliar ao grupo para votações em plenário.

O deputado Maurício Nasser (PMDB-PR) alegou que se sentiu desobrigado de votar com o Centrão quando soube que não seria honrado o acordo feito no Palácio do Planalto a respeito de propriedade privada. Apesar de reconhecer que votará muitas vezes com o Centrão, fez questão de dizer que é independente, pois do contrário daria impressão de que estava agindo como vaca que vai para o matadouro.

— Só voto com o interesse nacional, comentou o senador Leopoldo Peres, (PMDB-PA) que se diz contra rótulos e que não pertence ao Centrão. O deputado Luiz Viana Neto (PMDB-BA) reassumiu: "Não dou carta branca a ninguém para me dizer como vou votar. Voto contra ou a favor de acordo com minhas inclinações e nunca assumi compromisso com ninguém".

Fiuza defende nova estratégia

O Centrão tem que mudar de método e não pode parecer um rolo compressor, avaliou ontem o deputado Ricardo Fiuza (PFL-PE) ao revelar que o grupo está criando novas estratégias internas a fim de eliminar as ameaças de cisão, que preocupam algumas de suas lideranças. A primeira providência foi identificar quem é do Centrão ortodoxo e quem se alia eventualmente para buscar uma forma de eliminar as divergências. Outra é convocar figuras do porte de Jarbas Passarinho e Marco Maciel para negociar com os demais grupos em nome do Centrão. Por último, administrar a clivagem interna, que o pefelista pernambucano não toma como ameaça à unidade do grupo.

Todavia, reconheceu que o clima gera cisão e mal-estar, levando grupos que se sentem mais homogêneos a tentar mostrar que são fortes, como é o caso do Centro Democrático e dos evangélicos. No seu entender, se estes dois grupos viessem a se separar do Centrão — algo em que não aposta — talvez até facilitasse o diálogo, porque tratariam de negociar entre os grupos.

Ricardo Fiuza lembrou que nunca pretendeu a hegemonia do Centrão e fez questão de assinalar que o mérito do movimento foi na mudança do regimento. Mas acha importante o número de acordos celebrados para as votações. E por isso que defende a necessidade de alimentar a demonstração de que ser do Centrão é um estado de espírito.

O deputado pregou ainda que os principais cabeças do Centrão lutem para que o grupo diminua o mínimo possível, o que acontecerá pelo contato in-

dividual, quando poderão mostrar que nele todos pensam da mesma forma. Ele também defende que as divergências sejam contornadas com uma participação maior destas correntes.

A partir de hoje, o Centrão reunirá todos os dias para submeter a seus integrantes o teor dos acordos, imitando, na definição de Fiuza, o que tem de bom o líder Mário Covas. E que ele não dá a última palavra antes de consultar seu grupo sobre os entendimentos. Mas o depu-

EUGENIO NOVAES



Fiuza entre os jornalistas: uma revisão nos métodos